



SUPPLICIO D'UM CALIFA.

Os primeiros successores de Mahoma, que reuniam os dous poderes espiritual e temporal, eram denominados *califas*, que quer dizer *vigarios*. Houve tres grandes califados, do Oriente, de Cordova, e do Egypto. Fallaremos do primeiro, que vem ao nosso intento. Durou 626 annos até á era de 1258; teve a séde em Meca até a morte de Ali, depois em Damasco na familia dos ommiadas, e por ultimo em Bagdad na dos abbassides. A famosa dynastia descendente de Ommiah reinou sobre toda a monarchia arabe até o anno de 749, e derribada do throno damasceno pelos abbassides veio fundar em Hespanha, sujeita então aos sarracenos, o novo califado de Cordova, desmembramento do antigo.

A dynastia dos abbassides era oriunda da familia do propheta musulmano por Abbas, tio de Mahomet, e teve por tronco principal um bisneto de Abbas, que subiu ao throno no anno 750 da era christã. Reinaram 37 d'esta raça até 1258 que Houlagon, neto de Gengis-Kan se apoderou de Bagdad. Tomada a cidade o vencedor foi conduzido a uma torre, onde se guardava immenso thesouro de ouro e prata e joias; admirou-se de que o califa Mostasem Billah não fizesse uso de tão pasmosas riquezas para fortalecer-se com exercitos respeitaveis e adquirir poderosas allianças, e ordenou, por atroz escarneo, que o trouxessem áquella torre e ahi o encarcerassem, dizendo-lhe: «come o teu dinheiro, poisque a tudo o preferes». N'ella o deixou perecer de fome.

Os viajantes da idade média, contaram esta anecdota duvidosa, e á phantasia dos pintores europeus de miniaturas aprouve representa-la de diversos modos. Reproduzimos a que se vê no *liero das maravilhas*, codice do seculo IV, conservado na bibliotheca imperial de Paris..

M.

NA EXTREMADURA.

A JOÃO PEDRO DA COSTA BASTO.

II

(Continuado do n.º 39 do vol. de 1855.)

No Tejo, juncto á Chamusca, 9 de junho de 1853.
Meu amigo. Seu irmão acaba de fechar uma carta que lhe dirige, redigida com um laconismo digno dos bons tempos de Sparta. A severa economia com que elle despende a palavra fallada acaba de applicar á palavra escripta. Duas legislaturas de deputados que o tomassem por modelo dariam um respiro a este apoquentado paiz. Ficariamos exemptos por oito annos de discursos e de projectos, e durante esse periodo a longa tenia que nos devora deixaria tomarem alguma nutrição os membros extenuados da republica. E não ganharia n'isso tão sómente a republica: tambem ganharia o senso commum e a grammatica. Infelizmente estes desejos não passam de sonhos de homem acordado.

Deixemos, porem, o senso commum e a grammatica, Prometheus innocentes e eternos dos pais da patria e do Diario, para tornarmos a atar o fio do discurso, que pelas tendencias deambulatorias do meu espirito, parti apenas começado.

Seu irmão escreve-lhe, dizia eu, uma carta spartana: digo mais agora; escreve-lhe uma carta taciturna: Estas palavras parece estarem aos pontapés entre si, como os membros de um artigo do codigo penal. Não é assim. A carta do seu irmão tem rigorosamente os vocabulos necessarios para existir: para ter carta. Depois não diz mais nada. Faz o que na realidade fazem a maior parte e até dos livros, e das cartas, d'este mundo sublunar.

Eu farei o que elles fazem na apparencia: serei extenso. Queira Deus que não lhes imite as realidades.

Antonio de Mello hade ter-lhe mostrado a minha precedente. Como ajustámos, ou antes como eu pedi, são communs para todos os nossos amigos intimos estes apontamentos que lhes vou remettendo, ora a um, ora a outro, e que são um memento das variadas e profundas sensações do que vagueia, se não peregrino, romeiro ao menos na terra da patria; romaria sancta aos cemiterios onde dormem as memorias e tradições do nosso passado; onde no meio do silencio, das solidões e das ruinas como que vemos passar os vultos indecisos, como que ouvimos murmurar vagamente as vozes de nossos avós. São sensações quasi infinitas, uma parte das quaes, ao menos, precisamos de communicar a entendimentos que se illuminam, a corações que vibrem com a faisca electrica do cogitar de outro espirito, do sentir de outro coração.

Deviamos, affirmava eu a Antonio de Mello, partir de Santarem na madrugada dessa noite em que lhe escrevia. Não succedeu assim. Quando o Janota levantou ferro da Ribeira havia muitas horas que o sol fazia scintillar os seus raios nas aguas buliçosas do rio. Além disso tinhamos de navegar a remos: o vento fóra mais preguiçoso que nós: ainda dormia.

Mas—ouço-o d'aquí exclamar—um Janota que levanta ferro, que singra ao impulso dos remos, é coisa inintelligivel, como um pergaminho gasto e quasi apagado do século x, absurda como um drama romantico: é o *Trinta gallegos não fazem um homem*; é uma charada ou um logogripho: é quasi um discurso de abertura de cortes, ou uma portaria com pretensões doutrinaes. É um arre-burrinho.

Não, meu amigo, não! O Janota nome proprio não é o janota nome appellativo: não é nenhum d'esses peralvilhos, penteados, engommados, recendentes, entidades hybridas entre o homem e a mulher, a que se attribue esta alcunha popular, que como tantas outras, nasceu sem sabermos d'onde e esquecerá sem sabermos porque. É uma gondola esbelta, alindada, ligeira sim, mas solidamente construida, de cavername e costado solido, affeita a contrastar a furia das correntes do Tejo, a galgar-lhe os cachões, ou a precipitar-se por elles abaixo, rapida como a frecha. Por dentro, o Janota não é um barco: é um mundinho: é a sala e o gabinete do coronel ... em Santarem, mettidos na prensa hydraulica, e reduzidos a um decimo do seu volume. Ao almirante do Tejo, qualificação de que fiz mercê ao coronel desde que entrei nos seus dominios aquaticos, não cabe a gloria da invenção do Janota: é um florão que falta na sua coroa; mas foi elle que com mudanças insignificantes o tornou dez vezes mais commodo do que d'antes era. O camarim que occupa quasi dous terços do barco, encerra uma porção incrível deapparelhos de navegação fluvial, de instrumentos scientificos, de papeis, de mappas, de livros, de alfaias, de utensilios, ficando ainda espaço para receber seis ou oito passageiros, que se achariam n'essa pequena habitação assentados tão commodamente como no mais confortavel *parleur* d'Inglaterra. Tudo ahi é modesto, quasi pobre, mas limpo, elegante, conchegado. Sobre os dous bordos, de um e de outro lado do camarim ha tres janellas. A do meio é uma especie de adufa de madeira, que se alevanta rodando para o interior e que vai prender-se no tecto; as outras duas são vidraças fixas, cuja luz é amortecida á vontade por cortinas escaurates. Grades de rede tenuissima,

que substituem as adufas quando erguidas, impedem, na força da calma e á noite quando o camarim se illumina, a entrada dos insectos sem obstar á ventilação. Nas horas em que o sol bate de chapa no Janota, a adufa caída do lado d'onde vem os seus raios obliquos serve de guarda-sol, em quanto a outra erguida nos deixa contemplar a margem fronteira que parece derivar pela orla do rio espelhado, levando consigo um prestito interminavel de quintas frondosas, de casas alvejantes, d'extensos salgueiraes, de campinas palidas, de cabeços incultos ou povoados de tristes pinhaes, e dos enferrujados olivedos ainda mais tristes. Uma pequena mesa collocada a um lado exerce successivamente as funcções de banca de jantar e de secretária. Sobre ella escrevo eu esta carta. As arcas e bancos estofados que ladeam o aposento, transformam-se á noite em leitos, e voltam aos seus misteres diurnos apenas aponta a manhã, porque a bordo do Janota a alvorada é de rigor como n'um acampamento, ou n'uma fragata de linha. Dir-se-ia que em volta do nosso coronel-almirante ha uma atmospheria militar, inseparavel d'elle, e fóra da qual lhe sobreviria a morte pela impossibilidade de respirar.

E de feito, no exterior do camarim, que na sua singeleza e elegancia tem o que quer que seja de namorado e feminino, ha o viver do soldado e do marinheiro em toda a sua rude severidade. Entre estes vultos que nos rodeiam trabalhando na manobra calados como sombras, ou dirigindo-a com uma ou outra voz solta, ou com um simples monossylabo; entre todas estas figuras de largos hombros, de braços musculosos, de tez queimada pelos soes e geadas, ha uma, na apparencia mais debil, mas que domina as outras não só pelo cargo que exerce, mas tambem porque traz escripta nos olhos e na fronte a legitimidade moral do seu predominio. É o patrão, Manuel Consolado. Baixo, magro, com o cabello grisalho, e a tez de apparencia duvidosa e a meio caminho entre a lixa e a pelle humana, o patrão do Janota revela no olhar a limpidez da intelligencia, e na grossura e projecção da mandibula inferior a energia da vontade. Na firmeza dos seus meneios, na immobilidade ordinaria do seu gesto traduz-se o habito do mando. Manuel Consolado é n'estas paragens o mais habil piloto da navegação fluvial, de cujas dificuldades e riscos já tenho ouvido narrativas singulares. Antes de ser chamado ao serviço do estado, era elle quasi o unico arraes que sem temor velejava por entre os rochedos do Tejo, que subia e descia pelas cascalheiras e cachões, succedendo-se uns aos outros, interrompidos apenas pelos profundos pegos cavados por essas quedas d'agua impetuosas que ahi se precipitam ha milhares de annos, e cujos perigos a sciencia se esforça por minorar ou destruir. Depois do nosso piloto a unica personagem distincta entre a população do Janota que não pertence aos aristocratas do camarim, (e onde não ha aristocracia?) é o sapador Pedrosa, camarada do coronel; personagem distincta, repito, por uma caracteristica singular. o seu amor, entusiastico, ardente, quasi idolatra. amor romantico, mysterioso, callado, impresso na alma como stygma indelevel, fulgurando no olhar fixo, na tensão continua de todos os movimentos para o objecto querido; este objecto ao mesmo tempo complexo e simples, fonte de vida e prazer para nós e para elle, de que nos lembramos ao despertar, e de que não nos esquecemos nunca durante o dia é... a panella. O amor do Sapho ou de Petrarcha era inimigo figadal comparado com o do sapador Pedro-

sa. Ha muitas horas que observo o camarada do coronel e juro que ainda lhe não descubri um gesto, uma acção que n'um só apice desdissesse da affeição infinita que consagra á dama dos seus pensamentos. O passado segundo me affirmam, condiz com o presente. O Janota tem luctado com as correntes impetuosas, com o vento ponteiro, com a calma dormente; e no meio de todas essas phases a lealdade de Pedrosa não se desmentiu, não titubeou jamais. Ao balouçar estonteado da gondola, ora arcando com a veia do rio, e rasgando-a para um e outro lado em frocos de escuma, ora gemendo e recuando diante da rajada de nordeste, ora pulando ao embate dos remos no pego espelhado, o bom do sapador cópia do Olindo do Tasso, resoluta a viver e a morrer com Sophronia, não se esquece, não se distrahe um instante de velar pela segurança d'aquella a quem votou a sua existencia. Agita-se e vacilla o Janota; vacilla com elle o folgo vivo que respira em seu seio: escorreguem as arcas e cestos pelo chão inclinado, entorne-se a bilha d'agua, rolem os corpos menos roliços quando o galhardo barco inclinado pelo vento quasi mergulha um de seus bordos na veia do Tejo. caia, tombe, tina, estoure, confunda-se tudo, *ruat corlum*; ha ahí sempre um corpo que não vacilla, que não tomba, que não topa, que não rola: é a panella. Porque lá está o anjo da guarda, um vulto humano que se não se movesse, pareceria uma esttua, e cujas pernas e pés poderiam erer-se de aço. É o sublime camarada do coronel. Sublime, sim; porque a ternura mais que materna, ternura com que na hora do perigo elle cinge em seus braços a dama dos seus pensamentos; o horror doloroso que lhe confrange o gesto quando ella vae a estremecer sobre o fogão que bambolèa; a sympathia opulenta que o grande coração do soldado dedica a um objecto insensível, o que seria se n'elle se accendesse uma paixão de outra ordem? Quem duvida de que o destino, o numen ignoto, de que foram imagem e manifestação os Triboulets, os Annequins, e todos os truões famosos, fez uma das suas travessuras, condemnando Pedrosa, homem proprio para realisar o Lara de Byron, a ser o camarada e cosinheiro do mais severo, monossyllabico e positivo coronel que eu conheço sobre a face da terra?

O arraes e o soldado, verdadeiros typos que lhe acabo de descrever, eis as unicas personagens populares do Janota, cujo perfil moral val a pena de se desenhar. O resto perde-se no vasto oceano da vulgaridade mais completa: são barqueiros ageis e robustos semelhantes aos remadores dos escaleres reaes, salvo o silencio que lhes impõem aqui a minuciosa disciplina que domina a bordo da esquadra do nosso almirante do Tejo.

Ao sair de Santarem as immedições do rio offercem uma paisagem deliciosa. Na margem esquerda, á nossa direita, os campos de Almeirim estendem-se a vasta distancia, ornados de renques e grupos de arvoredos que bordam os campos, ou se elevam em macciros verdejantes por entre as planicies cubertas de searas e de pastagens, planicies que se dilatam para o lado de Alpiarça. O leito do Tejo vae-se gradualmente ampliando e povoando de mouchões, ferteis insuas formadas no decurso dos seculos pelas terras que rolando das montanhas durante a estação invernosa as torrentes tem para alli arrastado. Em frente dos campos de Alpiarça a massa das aguas derivando por um alveo dilatado e quasi sem pendor, bifurca-se em dous largos canaes e subdivide-se ás vezes por outros menos espaçosos que

serpeam por entre corôas de arêa, ou cingem terrenos de alluvião reduzidos a cultura. No sitio chamado Barrocas da Rainha o volume das aguas compactas por uma pequena distancia, facilita a passagem entre as duas margens por meio de uma barca que cruza do reguengo de Alviella para as campinas de Alpiarça. Rio acima as correntes dilatam-se por mais largo campo, e a vegetação luxuriante dos salgueiros que se penduram sobre a veia d'agua prolonga-se até a foz do Almonda. O Tejo assemelha-se a faisca reluzente lançada sobre um mar de verdura, faixa mosqueada pelos mouchões como o lombo da panthera. Para mim, que me embalava por dias de mocidade sobre as vagas do oceano, esta navegação fluvial tem ao mesmo tempo o attractivo das recordações e da novidade. No rapido correr do Janota sentia o chapejar da agua no costado do barco e via entrançar-se a ré a esteira que nos mares solitarios tantas vezes nos recorda as tranças longas e ennastradas de mulher querida. A escuma refervia á proa como debaixo do gurupez de uma corveta de guerra, e o vento de oeste impellindo-nos contra a veia da agua, fazia gemer os mastros que se inclinavam ao nascente, como gemem e se inclinam os de navio possante ao impulso das ventanias maritimas. O que faltava era esse horisonte illimitado do oceano, essas ondas que fluctuam somnolentas n'um leito de abysmos ou se despedaçam furiosas n'um campo de batalha interminavel. O que faltava, eram esses poucos instantes da madrugada e do ocaso, em que o sol, triplicado em grandeza, se libra vacillante na ocla da abobada azul-clara do céu, surgindo como orbe de fogo do plano azul-ferrete dos mares ou atufando-se nelle. Não reboava, o hymno a Deus que entoam as vagas nos seus ermos immensos, hymno de mysteriosas harmonias semelhantes ás de Mozart ou Beethoven. Mas que importa? Murmurava no rio o cantico da aragem passando entre os salgueiros, acorde com o trinar das aves, com a toada duvidosa dos sinos no campanario lá ao longe, e com o sussurro da vida nas povoações marginaes, concerto melancholico e vago como as melodias de Bellini. Aos vinte annos o coração ama as grandezas tempestuosas do oceano, porque bate com a violencia de mil ambições e esperanças: depois dos quarenta ama o deslizar do rio e o gemer do arvoredo, porque começa já a dormir emballado quasi só pelas recordações e saudades, preparando-se lentamente para mais dilatado e mais profundo dormir.

O vento refrescava de nor-noroeste e o Janota corria veloz, cosido com a margem direita do rio. Os ramos inclinados dos salgueiros roçavam no tecto do camarim com soido semelhante ao do reptil que se arrasta, no estio, por cima de folhas seccas. A meia luz que nos allumiava por entre a verdura era triste, e os raios do sol inclinado que ás vezes rompiam por entre a folhagem passavam como o chispar da fragua. Tinhamos caído pouco a pouco em completo silencio; porque ha horas e situações que obrigam o espirito a acolher-se dentro de si mesmo. O halito da natureza tambem embriaga como as bebidas alcoholicas, ou antes como o anfião embriaga os chins arrebatando-lhes a alma atraz de um mundo de deliciosos desvarios. Por qual me divagava então o pensamento não saberia dizer-lho, mas sei que era melhor do que este nosso, onde o prazer é apenas a quasi imperceptivel linha de intersecção que assignala as fronteiras da dôr e da semsaboria.

(Continua)

A. HERCULANO.



FORTE DE SANTO ALLYRE.

No departamento de Puy-de-Dôme, ao noroeste da sua capital, Clermont-Ferrand, arrabalde de Saint-Allyre, ha uma fonte famosa pela propriedade que tem as suas aguas, carregadas de particulas ferreas e de cal e magnesia, de depor estas substancias nos corpos mergulhados, e cobri-los, passado certo tempo, de uma incrustação muito dura: e d'ahi procede chamarem-lhe tambem *fonte petrificante*. N'um pequeno museu collocado proximo do manancial ve-se muita quantidade d'aquellas incrustações de toda a casta, como vegetaes, ninhos de aves, animaes, e até um boi ou para melhor dizer uma pelle de boi empalhada e com sua capa de pedra. É objecto d'uma industria assás productiva para os proprietarios da fonte. Estas aguas, de sua natureza tonicas e levemente acidas passuem além disso qualidades hygienicas reconhecidas pela medicina. A pouca distancia descobre-se uma calçada de 80 metros, formada pelos sedimentos das mesmas aguas, a qual n'uma das extremidades é cortada por uma especie de ponte natural, correndo por baixo o ribeiro Tirlaine.

A fonte, o arrabalde, e uma capella visinha derivam o nome de Saint-Allyre, bispo de Clermont no meado do quarto seculo. Gregorio de Tours, historiador da provincia, refere como o dito santo adquiriu a reverencia e gratidão dos alvernezes. No dominio dos romanos foi imposto á Alvernia um tributo em generos que devia ser pago em Tréves; Santo Allyre, cuja nomeada já corria fora dos limites de seu bispado, foi chamado a Treves pelo imperador Maximo para curar-lhê uma filha endemoninhada. Consequindo o prelado a cura, pediu em recompensa e obteve que o tributo em generos, mui oneroso principalmente pela necessidade de transporte, fosse reduzido a dinheiro.

Accrescenta a lenda que o santo, de volta á terra patria, vendo bellissimos marmores, concebeu o pensamento de adornar com elles a claustra da sua sé,

e obrigou o demonio, ao qual ganhára a primeira victoria pela cura da princeza, a lavar as pedras e transportal-as a Clermont. Uma pintura a fresco, ainda existente em 1783, segundo refere Legrand D'Aussý na *Viagem á Auvergne*, perpetuára a memoria do milagre nas paredes do mosteiro. Representava o santo bispo paramentado, deitando com exorcismos o espirito maligno fóra do corpo da princeza, e ao lado o diabo, assim expulso, voando carregado com as columnas de pedra já aparelhadas e promptas.

M.

A epocha em que vivemos, arrasta-se atraz dos interesses phisicos, calcula, conta os lucros, admira as miragens do credito, exalta os prodigios da rapidez nas vias ferreas, e volta costas ao ideal para se abraçar exclusivamente com as realidades dos commodos e regalos.

A sua lingua, corresponde á paixão, que a domina.

Nos escriptorios das companhias, e no balcão das lojas de cambio falla-se em prosa, e a versificação mais pura, os metros mais correctos, soando em ouvidos meios surdos pelo tenir metalico das pilhas de ouro amoedado, apenas os ferem como um zumbido para elles quasi desagradavel, e quem sabe se enfa-donho mesmo!

Em um seculo positivo, que mede as distancias pelos capitaes, ao qual a riqueza manda como despota, curvando perante os seus cofres recheados o orgulho dos imperios, e as vaidades mais fidalgas, de que servem essas harpas colias, estremecidas pelo sopro dos suspiros elegiacos do passado ou pelas impaciencias frementes de sentimentos, que só em almas delicadas deixão a nodoa amoravel do seu pranto?

O idolo, o bezerro de ouro, está no altar, e o incenso ardendo em volta e subindo em rollos de fumo, cega as multidões, no meio dos hymnos da in-

dustria, das ovações das empresas laureadas, e dos triumphos ephemeros, dos que hontem simpleces vilões, erguem hoje a cabeça mais alto, que os reis.

O verso, tão mimoso e estimado nos dias esplendidos, em que a fé e a gloria faziam palpitar de entusiasmo o coração d'esses *loucos* aventureiros, que tão longe rasgaram os mares com as quilhas vencedoras dos galiões; o verso, voz harmoniosa da epopeia viva dos navegadores do cabo das tormentas, e dos conquistadores da India, e da America, não pode achar echo em espiritos, que olham para a terra, perdendo de vista nos horisontes embaciados da cubica, aquella radiosa estrella, que foi a luz do Dante, do Tasso, e do Camões!

O livro das phantasias sublimes encerrou-se e ficou mudo; e até que torne a abrir-se, desenganos cruéis, e tristes desillusões hão de passar.

Lamartine, Victor Hugo, e Garrett, Novalis, Schiller, e Klopstok são os ultimos bardos da grande geração intellectual, e aonde o seu canto se interrompeu, poucos poderão continuá-lo.

Para ser poeta em annos de prosa, é preciso para constancia, e valorosa vocação.

E por isso saudamos sempre com jubilo qualquer estreia, qualquer melodia, que vem acordar-nos suavemente do somno de ferro dos interesses, que nos captivam, levantando o animo para as espheras superiores, aonde morrem os ruídos confusos das lidas da avareza, e não se escutam senão os namorados canticos, emanação das divinas harmonias, que nos embalsamam a infancia, e disseram ao ouvido da nossa juventude tantas esperanças, a que o atrito do mundo murchou o vício, e regueira a a verdura matisada.

O povo, que é sempre o ultimo a deserer das suas tradições, e a apagar do peito as saudades do seu berço, nunca deixa de abrir os braços á musa singella e formosa, que o chama, e pendente dos seus labios, como os antigos hellades do canto nacional de Homero, não espera, para aplaudir, que a fama venha apregoar o vate.

Quantas reputações começaram por elle, e firmes pela sua admiração, zombaram dos diplomas das acadias, e das palmas academicas?

Garrett careceu d'ellas por ventura para ser o primeiro depois do auctor dos *Lusiadas*!

Hugo, deveu-lhes as ilôres, de que lhe juncaram os passos as suas *Odes e Balladas*, quasi no sair da adolescencia?

Lamartine o mavioso filho da harpa de Sion, carregando a frente com a corôa official, não tinha já cingida n'ella a aureola immortal, que bastou a tantos, que do alto do seu pedestal vêm inclinar os seculos diante do seu nome? Que importa que os prozadores do bufete e do balcão viem o rosto, e tapem as orelhas, longas como as de Midas, porque a melodia do meigo trovar, ou as harmonias da canção da gloria, as offende como uma ironia severa?

O seu reino é o dos tantos por cento, a sua alma sobe e desce todas as manhãs com as alternativas dos fundos, e o seu gosto rivalisa com o do roliço e atascado Sancho, modello e mestre de toda a scita.

Para esses não é que a poesia geme, ou que vá, como o archanjo de Deus, dando vida ao que a morte prostrou, e illuminando nas trevas do futuro, o que o destino escondeu.

A arte, fez-se para os que a prezão. São poucos? Embora! O voto dos bons conforta mais, do que o alarido estúpido dos ignorantes.

Roubando a occupações pesadas, e bem alheias do estro algumas horas, o sr. Gomes de Amorim,

teve animo para encostar o peito á meza, e não despedir de si a inspiração, que nas florestas da America, na solidão das aguas, e nas provações d'uma existencia, que antes de tocar os primeiros marcos da sua carreira já conhecia de experiencia os amargores do infortunio, foi talvez a unica amiga, e confidente das suas lagrimas, e do seu desamparo.

São d'esse tempo, não na data, mas na ternura e na tristesa, bastantes das suas poesias lyricas; e escolhendo-as e compondo com ellas agora o ramilhetado variado, que nos promete o volume, que está dispondo para a imprensa, o cantor offerece ao publico um brinde precioso.

Entre as peças, que entram na collecção, e que louvamos sem lisonja, as que mais nos arrebataram pela verdade que respiram, pela negligencia desafectada com que se precipitam impetuosas, e sobre tudo pelo vigor e felicidade do colorido, foram os cantos maritimos. Não duvidamos assegurar-lhe, que estreias semelhantes, em genero para nós inteiramente novo, mereciam vulgarisar-se quanto antes.

O *Corsario*, o *Marinheiro*, e as *Duas Fragatas*, que hoje começam a estampar-se no *Panorama*, como quadras da vida e das paixões navaes, parece-nos, que sem susto podem competir, com outros painéis primorosos, clogiados em estranhos; e que auctorizam as boas vindas, que em toda a sinceridade, damos ao poeta.

Quem pôde tanto, e tão galhardo vence os obstaculos, contrahe obrigações rigorosas; e o sr. Gomes de Amorim não é dos escriptores, que o exito costuma entorpecer.

Nação de navegadores e de marinheiros heroicos, Portugal, ha muito que pede para as grandes scenas da sua historia maritima um Cooper na prosa, e um rival de Byron no mar.

Não adulamos, e por isso não conferimos diplomas que só pertencem ao tempo e á posteridade; mas dizer á vocação, que se ergue robusta, e que se annuncia assim, que firme os passos, e não se tema de tentar maiores alturas, não é senão cumprir com os deveres da critica, servindo as letras.

Confiando-nos as tres poesias, que este jornal publica, o sr. Amorim cedeu do seu proposito, e por benevolencia calou a sua modestia; alargando, agora, as perspectivas, e desenhando na tela de Vernet as figuras grandiosas de Albuquerque, de Gama, de Duarte Pacheco, e de tantos almirantes e capitães, estamos certos, de que se não arrisca senão a triumphar.

O auctor do *Odio de Riva*, drama aonde a pintura dos costumes e da natureza americana, traçada com relevo, prende o interesse sem o soltar um só instante, corre n'este momento os seus pinceis por outro quadro do mesmo genero, mas de mais amplas proporções; e cedo, assim o esperamos, levantará do palco coroa igual, á que já lhe premiou os primeiros passos n'esta carreira. Quando as forças ajudam, tudo é possível, e uma tentativa não deve desalentar a outra.

Depois d'um bello drama nada realça mais do que bellos versos.

L. A. REBELLO DA SILVA.

O CORSARIO.

Quem dirá que d'estas agoas
Não sou eu somente o rei?
Este mar mediterraneo,
Ao meu sceptro o sujeitei;
Porque o meu sceptro é o leme,

E aqui só eu dou a lei.
A minha c'roa é de nuvens
E a ninguem a cederei.

Vira, vira ao cabrestante,
De levariba a virar!
Mette as ancoras a pique,
Que anda o suéste a rondar.
Chega ás ad'riças de gavias!
Gageiro, vai desferrar;
Que o navio sente a briza,
E tem saudades do mar.

Deita a bossa ao ferro grande!
Vai seguida a flor d'Argel;
Batem-lhe as ondas na proa
Como a lança no broquel:
Já no convez entra a vaga,
Com o jogar do Baixel,
Que salta envolto de espuma
Como fogoso corsel!

Amura bem o latino;
A beijar! deixa gemer.
O meu navio é velleiro
E vem o vento a crescer.
Toma cuidado no leme;
Não vez o pãno a bater?...
Amãntilha essa retranca;
Bom; ahi. — Deixa correr,

Temos tufão; salta arriba!
Oh! mestre! mande rizar.
Os paus de cutellos d'entro
Sobre joanete! ferrar.
Mete gavias nos segundos!
Olha a barca!... bom andar.
Cuidado nas arribadas;
Põe claro para virar!

Lesto a virar! Leme contro!
Larga as escotas por mão!
A quartella a bujarrona!
Olha a escota do artimão...
Quem prendeu aquella escota
Em cima do corrimão?...
Tres horas sobre o galope,
Quinze dias no porão.

Uma vella a sotavento!
Vai na bordada do mar...
Chega aos braços de bombordo!
Timoneiro, deixa orçar.
Quem se atreve n'estes mares
Que são meus, a navegar?
Larga tudo e dá-lhe caça,
Vamos a preza tomar.

Oh! do galope do mastro,
Se gostas de combater,
Acabou-se o teu castigo;
Tens licença de descer.
Não ficarás sem a parte,
Que te deve pertencer;
Se no combate mostrares,
Que o perdão sabes mer'cer.

Leça bandeira Argelina,
Vamos começar a acção;
Tira fóra as escotilhas

Que já temos o mar chão;
E crava o meu catavento
Em cima do corrimão;
Pela melhor pontaria,
Darei o maior quinhão.

Vai tomar-lhe barlavento,
Aprompta para abordar;
Faz-lhe um tiro ao lume d'agua:
É tempo de o acordar.
Ferio-o nas obras mortas:
Arriou sem pelejar!
Vinte homens para a lanchar!
Vão meus tributos buscar.

Se o navio fôr velleiro,
Dal-o-hei a meu irmão:
Se traz formosas captivas,
Que ninguem lhe ponha mão!
Para vós são os thezouros.
As mulheres minhas são,
Quem se atrever a tocar-lhe,
Ficará sem coração!

Cruza gavias! d'estas agoas
Quem dirá que não sou rei?
D'esses monarchas da terra
Não invejo a immensa grei.
São escravos do seu povo.
Aqui só eu dou a lei!
A minha c'roa é de nuvens,
E a ninguem a cederei.

Pevoa de Varzim 1846.

F. G. DE AMORIM.

FASTOS AÇORIANOS.

(Continuação.)

Os janarciros illetrados arrogam-se no canto e improviso toda a ousadia e liberdade. O de mais fino gargantear entõa só cada dous versos da copla, ou o que quer que é que elle phantasia: depois repete-os a chusma em côro d'altos berreiros! Não assim porém alguns moços e estudantes que d'antemão concertam suas solfas, e na escolha do instrumental affectam mais pretensões. Uma de suas letras, que á mão nos veiu, aqui a archivamos sem alteração de ponto ou de virgula. Eil-a:

Boas festas e bons annos
Hoje vos vimos trazer;
Esp'râmos a recompensa,
Vede o que deveis fazer.

Gallinhas e fartes
Tudo levaremos,
Que somos de longe
Nada d'isso temos.

Senhores honrados
Mandae-nos abrir,
Que somos de longe
Queremo-nos ir.

Depois dos cantares, os brindes de quem recebeu tão grande honra. E assim cresce o bojo do alforge, té que amanhã desponta, e o dia d'anno-bom se as-

soalha. Os *janeiros* parece que os dotou Deus com a natureza de toupeiras; aos primeiros raios da luz solar desaparecem.

O cantar dos *reis*, e das *sebastianas*, nas noites que precedem os dias seis e vinte de janeiro, são folguedos analogos. Se as cantigas variam, musicas e scenario permanecem os mesmos.

Muitas vezes n'esta especie de peditorio tem os ranchos de cantores por fim auxiliar algumas capellas e hermidas pobres.

Como é poetico esta singeleza dos costumes populares!

Oh quanto é mais feliz o villão toseco,
De rubicunda, prazenteira face,
Que em torno da lareira co'as saloias,
Canta ao som da viola, que reclama,
As simples tróvas das pagãs Janeiras:
Que o cangirão empina, a sertãs mexe,
Do saboroso lombo, que rechia!...

A sociedade açoriana mais illustre, lá quando o sol vae alto, ou já declina, veste galas, incommoda cavallos e cocheiros, e peja as carteiras de bilhetes de visita, para frios cumprimentos d'etiquetas. O povo singelo e livre ás direitas, com nocturnos cantares satisfaz o costume remotissimo dos cumprimentos de bons-annos.

II.

CARNAVAL.

A idea, de que desde Roma ate as extremas do mundo christão, todos os povos estão á mesma hora n'uma especie de delirio de alegria, tem um não sei que tão delicioso para a imaginação, que ella mesma sem o sentir se traja de galas, e o prazer lhe parece invisivelmente chovido das nuvens sobre as almas, como o orvalho sobre hervagens seccas em madrugada de estio.

MONTEUR.

Todas as formas de ser, todos os caracteres da existencia social se transformam n'uma famosa epocha do anno, para darem margem ás alegrias, ás loucuras de convenção, que distinguem o carnaval. (1) Agora e sempre, nas novas como nas nações extintas, na religião pura e renascida de Christo como na antiga lei ou no tumultuoso polytheismo, viveu constantemente risonha a tradição de festas, a um tempo religiosas e politicas, com que se depunham o peso e pezares da vida para se confundirem classes e condições; para mesclar a soberania com a escravidão por tal arte que ambas formassem um unico sentimento, uma só aspiração inda que ridicula, enganosa e passageira.

Dos usos e costumes dos antigos que de reliquias por ahí andam de mãos dadas com os caprichos do momento! Que de mundo velho se não reflecte no espelho em que o mundo de hoje ensaia seus tregeitos! Mas o peor é que ainda a antiguidade parece mais consequente do que nós, n'aquillo em que novos criticos lhe censuram extravagancias. N'aquella religião de tantos deuses, n'aquella tão celebre e recatada politica das antigas republicas, bebiam pa-

(1) Carnaval deriva talvez do latim *caro, vale!* — adeus, carne! — porque no carnaval parece que se come carne por despedida. *Dans ce temp on mange beaucoup de viande, pour se dedommager de l'abstinence ou l'on doit viore ensuite* — diz Noel.

gãos o brilho e resplendor de suas festas populares, preparadas pela mesma tyrannia e oppressão, para que a impaciencia não convidasse á rebelião os que gemiam. Dias de liberdade facticia e imperio vão, quasi tão raros como o oasis no deserto, que mezes de dores e privações descontariam depois com amarguras multiplicadas, adoçavam por um instante a sorte dos afflictos. As festas de Baccho, conhecidas no Egypto por mysterios de Isis, introduzidas na Grecia por Melampo, e trazidas á Toscana quasi dous seculos antes de Christo; eram as delicias, o lemitivo da escravidão grega e romana. Nem senhores nem escravos havia n'esses dias folgados, com que engodavam a obediencia dos servos, cujos logares os amos momentaneamente tomavam não poucas vezes, obedecendo-lhes e servindo-os.

Que variedade de festas não tinham elles, os antigos? Lêde Ovidio nos *Fastos*, e pasmareis. As Lupercas em honra de Pan, divindade mythologica protectora dos rebanhos, com o sacrificio d'um cão, inimigo sigadal do lobo; as Saturnaes em honra de Saturno, recordando a dourada igualdade dos homens, supprimidas em Roma na expulsão dos Tarquinios, e que o Senado reconduzia com a segunda guerra punica; as Bacchanaes que endoudeciam a famosa Attica; foram as aguas em que mais propria ou impropriamente as nações posteriores se baptisaram. Gallia e Veneza herdaram-lhe delirios, a Turquia ainda os ostenta nos regosijos do seu Bairão.

A nova civilisação christã, nem porque assomou austera e melancholica, nem porque veio expurgar fanatismos, banir o sangue dos sacrificios, tolher abusos extravagantes e perseguições feras, intendeu que n'esta promettida transição de crenças e costumes, praticas demasiado patriarchaes ou indifferentes deviam parecer, logo. Soterrou-as sómente, adormeceu-as. Nem o esforço de muitos santos padres lhes tolheu renascem depois? (1)

E as festas dos doudos, dos asnos, dos innocentes, das maravilhas, dos denegridos, e tantas outras que a França defendia frenetica? (2) E o carnaval de Veneza, essa assombrosa festa de seis mezes para que a rainha dos mares, a princeza que se banha no Adriatico, convidava a Europa inteira?

Já tudo isso nasceu, viveu, sumiu-se! Desappareceu com o bucentauro, com o symbolico casamento do doge com o mar, com a inquisição politica do conselho dos dez! Desappareceu! mas, como diz Paul de Saint-Victor, é festa que a imaginação conserva como sonho de noute estia, como formoso conto de fadas, que dos labios da ama cae sobre a criança admirada, para depois lhe dourar e entretecer os sonhos!

Tantas vezes perseguido e restaurado (3), o carnaval vive apenas. Desbotou. Pouco mais do que as mascaras conserva da semente e apparatus gentilicio; mas ainda o sino do Capitolio, e as salvas de artilheria annunciam em Roma o começo triumphal d'essa exclusiva festa da rua do Corso, d'esses dez dias de vida desusada, em que todo o anno se pensa nos pobres bairros da cidade soberba.

Entretanto as festas populares do carnaval defi-

(1) Distinguiram-se no stygma Tertuliano, e S. Carlos Borromeu.

(2) Muitas d'estas dirigia, animava, e defendia o clero francez. Vid. *Histoire de France depuis de l'establissement de la monarchie jusqu'au regne de Louis XIV*, par l'abbé Velly, t. 3. p. 340 e segg. (ed. de 1756).

(3) Ainda a revolução franceza do seculo passado o destrou, até que em 1805 Napoleão restituiu ao povo o direito de folgar com o *hoi gorlo*.

nham por toda a parte. A multidão amava-as muito nos tempos menos livres, porque n'ellas via um arremedo do seu ideal, hoje parece apreciar menos vir ás praças publicas assoalhar uma hora d'alforria. Talvez venha a perder-se ainda o movimento festivo do carnaval. Já pouco nos resta d'elle: reuniões frouxas e brindes de familia nas quatro quintas feiras d'amigos e amigas, de compadres e comadres, anteriores ao domingo da quinquagesima: as filhós, os sonhos, as malassadas, que como trunfo obrigado se dão n'esses dias, e no domingo gordo até á terça feira d'entrudo. Até na mesma razão directa da apparente liberdade do povo se lhe tem convencionalmente diminuido a duração. Aquellas quintas feiras são uma compensação hebdomadaria de quatro semanas roubadas á loucura e preguiça do carnaval. É n'ellas que com alegrias recatadas e como em culto de Penates, se venera a amizade e o parentesco.

Se alguns santos de janeiro costumavam abrir portos ás liberdades do entrudo, nem já apparece quem as aproveite no solo insulano, e se antecipe aos tres ultimos dias de preceito, que apenas se revelam por alguma mascara nas ruas—pela agua da rara caldeirada, ou horrifos da borracha—pelo combate de projectis de cera, recheados d'agua e aroma (que os ovos não são lá d'usança)—pela metralha de grãos cereaes ou legumes—por alguma cara assaltada e farruscada—pelo fato empoadado de farinha, e o corpo perseguido pelos maldictos papelinhos, faúlha, ou dóluchos infaustos; Algum mergulho nos tanques publicos, alguma laranja (1) de garoto, que a turba applande e excita, completam a festa. As ruas parecem desertas: só o andar compassado da policia, onde a ha, que vela sobre o excesso ou abuso dos regosijos, as desperta d'este morno silencio. Com passo vagaroso e surrateiro, mas com disposições folgazãs, assoma aqui e ali entre rumor confuso uma ou outra onda de povo. São as divisões, que discorrem á cata d'aventuras, e a provar coragem com amaveis competidoras, fortificadas nas trincheiras das janellas. O logar do combate nenhuma outra cousa annuncia de longe, senão a repetida bulha dos estallos fulminantes. É um desferço da parte mais fraca, (a dos homens?) que busca pelo terror conquistar a primazia!

Bailes, reuniões de mascaras no carnaval ainda são planta exotica nas ilhas. As companhias em que apparecem estes disfarces apontam-se com o dedo. O numero dos transvestidos não avulta. A intriga e a interessante *causerie* do mascara são desconhecidas, nem é facil creal-as em terras em que quasi todos se conhecem e reconhecem, e onde não ha bailes publicos que são para isso o melhor vehiculo.

D'est'arte vida de achacado é a que vive o entrudo açoriano. É pena, quando o povo tem tão pouco com que distrahir-se! Assim não guerreis com o pobre carnaval, a quem já basta a velhice carunchosa que o corroe: não o guerreis, que o seu reinado é breve e insuspeito. Muita gente o tem condemnado á revelia, sem o conhecer. Bom purgatorio de quarenta dias de quaresma, e a cinza da quarta feira o aguardam para purifical-o, se porventura pec-

(1) As laranjadas do entrudo não são costume novo. Já os Filippes as vigiaram, e antes d'elles se legislou contra ellas, como facilmente se infere do provimento seguinte:

... Nos tempos antes do entrudo cada um dos Julgadores dos Bairros terá muito particular cuidado de correr o seu Bairro, evitando as laranjadas e brigas, que succedem, e executarão as provisões, que sobre estes casos são passadas. Regimento para os Juizes do crime da cidade de Lisboa, dado em Madrid a 25 de dezembro 1608, § 43.

cou no meio de suas alegrias! Deixae-o, que parece a realização da idade de ouro; e o que tantos systems e philosophias ainda não puderam fazer elle • faz, estabelecendo a igualdade entre os homens.

(Continúa.)

JOSÉ DE TORRES.

ARCHEOLOGIA.

O cadaver de Nabucodonosor rei de Ninive que reinou desde o anno de 647 até ao anno 667 antes de Jesu-Christo, e que, segundo se crê, morreu na defeza d'aquella capital, foi extrahido pelo coronel Rawlinson do tumulo onde jazia ha 2418 annos, momentos porém depois de extrahido desfez-se totalmente, reduzindo-se a pó. A mascara de ouro que se encontrou junto ao cadaver appresenta feições nobres, fronte alta e larga, e o perfil inteiramente grego.

As antiguidades assyrias que no seu transporte a bordo do *Eufrates* foram roubadas por uns piratas no lago de Bassora, foram felizmente recuperadas por um tal Messoud Bey, oriundo belga, e que na actualidade é tenente coronel de engenheiros ao serviço do grã-Senhor. Os dictos objectos devem achar-se já em caminho para França.

ARTES.

A terceira exposição photographica que teve logar em Londres, novamente demonstrou quão notaveis progressos ha tido este ramo artistico desde as anteriores exposições; chamando sobretudo a attenção dos observadores as photographias de Riglander, e de Lake Price: do primeiro os quadros da vida campestre; do segundo, as creanças na torre, o pagem, o monge, e outras. Entre os retratos figuram em primeiro logar, como de um subido merito, o de Sir Colin Campbell e do Principe Napoleão ambos de Fonton, e entre as passagens, e quadros architectonicos, uma vista de Jersey, por Amdele; Windsor-Castle, por Chalhush; a Alhambra de Granada, por Grace; e a cathedral de Rochester, por Prout.

Trata de organisar-se em Turim, uma grande exposição de industria, para o anno de 1858, na qual será admittida a seda de todas as nações do mundo.

AVISO.

Roga-se aos senhores subscriptores das provincias, que ainda não satisfizeram a importancia das suas assignaturas o obsequio de as mandarem pagar, pelo seguro do correio, ou por qualquer outro meio que lhes seja mais commodo.

Aquelles senhores que quizerem continuar a honrar-nos com a sua assignatura terão a bondade de o declarar, quanto antes, em Lisboa aos distribuidores; e nas provincias, aos respectivos correspondentes, ou por carta franca dirigida ao editor, e acompanhada de uma ordem da importancia da assignatura.